



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
O Conhecimento e o Lugar da Imaginação no Trabalho da Produção Científica nos Cursos de Pós-Graduação em Educação			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Luiz Dias do Nascimento Filho	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ	Grupo de pesquisa - EPISTEME
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>A intenção deste trabalho nasceu do interesse pela discussão de nova atividade que ultrapasse o domínio dos critérios tradicionais de produção do conhecimento. A proposta que se pretende desenvolver neste artigo se refere ao trabalho acadêmico e não propriamente ao trabalho material. Torna-se nossa intenção trazer para o debate a atividade da produção do conhecimento e a relação que existe entre essa produção e a imaginação, bem como, a contribuição que essa correspondência - imaginação e razão - traz para o desenvolvimento da pesquisa científica.</p> <p>Deseja-se levantar a questão da imaginação como faculdade integrante ao trabalho da produção científica, entender o modo como essa atividade vai englobar procedimentos primordiais, e, porque não dizer, metafísicos na elaboração do conhecimento. Uma posição que procura indagar a importância da atividade imaginativa e o valor dos seus significados para a ciência. Cabe, neste momento, trazer para o debate essa atividade no intuito de conhecer as condições teóricas que fazem da imaginação um instrumento importante na pesquisa. Um procedimento diferenciado da tradição realista e racionalista da ciência. Uma via para a qual o importante não é o dizer como a natureza das coisas são, mas como o espírito do homem se faz.</p> <p>O desenvolvimento deste trabalho será baseado nos pressupostos epistemológicos do Novo Espírito Científico, na concepção teórica de Gaston Bachelard. Isto, pelo fato de que com Bachelard alguns conceitos novos passam a integrar o discurso da produção científica como ruptura, salto, construção do objeto, corte epistemológico e por entender a imaginação como a dinâmica da razão.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Trabalho de pesquisa. Imaginação. Razão. Conhecimento			
ABSTRACT			
<p>The intention of this work was born out of concern for discussion of new activity that goes beyond the realm of the traditional criteria of knowledge production.</p> <p>The proposal to be developed in this article refers to academic work and not specifically the work material. It is our intention to bring the debate to the activity of knowledge production and the relationship that exists between such production and to imagination as well as the contribution that this correspondence - imagination and reason - brings to the development of scientific research. Want up raise o issue of imagination as faculty integrated at scientific the work understand how this activity will encompass and incorporate procedures primary and why not say metaphysic in the elaboration of knowledge.</p> <p>A position that seeks to investigate the importance of imaginative activity on their meaning and its value to science. It is, at present that if can bring that activity to debate in order to meet the theoretical conditions that make of imagination an important tool in research. Differentiated approach the tradition realist and rationalist of science. A way for which the important thing is not say nature of things but as the spirit of man if produces.</p> <p>The development of this work will be based on epistemological assumptions of the New Scientific Spirit the theoretical concept of Gaston Bachelard. This by the that fact with Bachelard some new concepts become part of scientific discourse as a break, jump, construction of the object epistemological and the imagination by understand how the dynamics of reason.</p>			
KEYWORDS			
Research work . Imagination. Reason. Knowledge			

INTRODUÇÃO

O tema geral desta pesquisa é o conhecimento e a questão da imaginação na produção do conhecimento nos cursos de pós-graduação em educação. Dentro dessa preocupação maior, a nossa proposta foi, concretamente, examinar a contribuição de Gaston Bachelard (1884-1962) para a ciência, considerando, especialmente, o processo da pesquisa em educação.

A intenção nasceu do interesse pela discussão de uma nova concepção de pesquisa que pudesse mostrar alternativa para um procedimento investigativo capaz de ultrapassar os critérios tradicionais de cientificidade. Critérios baseados na concepção de conhecimento que privilegia a realidade natural como fonte da verdade. Metodologia orientada por um real que se oferece à atividade cognitiva. Um modo de fazer ciência que valoriza o sujeito instruído pelo real, prendendo-se ao significado e à explicação do mundo. Um procedimento preocupado com a verdade do objeto observado e não com a verdade científica.

Outra questão a considerar será a definição tradicional de “ciência” que leva em conta alguns aspectos fundamentais como objetividade e neutralidade do conhecimento. Bem como, as características do sujeito (razão, sensibilidade e imaginação). Pensar os fundamentos da prática da pesquisa em educação na intenção de trazer para o debate a questão da imaginação. Procurar saber quais correntes teóricas que influenciam a prática da pesquisa pedagógica, bem como as categorias que predominam na produção do conhecimento, particularmente em educação.

A partir dessa perspectiva tentar-se-á pensar a atividade da imaginação no processo da produção científica, pelo fato, de que com Bachelard possibilidades novas de compreensão da relação sujeito-objeto acontecem. Isto, pelo fato dele investir contra a teoria comteana reivindicando a idéia de ruptura e descontinuidade da ciência como condição primordial para um novo procedimento epistemológico.

A IMAGINAÇÃO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Augusto N. S. Triviños destaca algumas vias teóricas que influenciam de modo determinado na pesquisa das ciências humanas, dentre as quais, entendeu como as mais predominantes: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo (TRIVIÑOS, 1987).

Levando em consideração essas correntes como modo de produção científica que norteiam a pesquisa em educação, foi fundamental verificar a importância e a influência das mesmas no exercício da pesquisa científica, como ponto de partida para identificar o lugar da faculdade imaginativa no processo e o seu lugar nos cursos de Pós-Graduação em educação.

Ao verificar o trabalho da produção do conhecimento no séc. XX torna-se possível, a princípio, detectar duas vias que dominam a pesquisa em educação, a visão objetiva e a visão subjetiva. E uma terceira que vai se integrar mais adiante inspirada especialmente nos marxistas, que surge como desafio à hegemonia dos realistas e idealistas, no final da década de 1970, que valoriza as categorias quantidade e qualidade - a dialética materialista (SANTOS E GAMBOA, 2002)

Dessa forma, como pontuou Triviños, três vias aparecem na tentativa de dar conta da realidade: a do realismo-positivista, que afirma ser a objetividade a possibilidade da observação dos fatos distantes do pesquisador, priorizando a neutralidade que separa fato e valor, a via interpretativa-realista voltada para o sujeito que interpreta, numa relação sujeito-objeto diferente da prática do realismo-objetivo, que entende que o mundo afirmado é o que se prende aos interesses, aos valores e situações inerentes à capacidade interpretativa do sujeito.

Nessa via interpretativa-realista não são levadas em conta as leis sociais, mas a preocupação com a compreensão do ator na participação. Uma postura que prioriza definições e que reivindica o exercício da intuição e a capacidade de poder descobrir o novo durante o processo da pesquisa. E por último do realismo histórico: um realismo, reflexo de um materialismo histórico.

A perspectiva do materialismo histórico está focada na dimensão econômica, procura dar conta da realidade da vida social embasada na economia. Diferente do Positivismo e da Fenomenologia, o materialismo histórico se volta para a questão da dinâmica da produção como prerrogativa para o conhecimento do social, base que se estabelece por necessidade. Partindo desse princípio, o marxismo procura pesquisar sobre a realidade concreta histórica.

O ponto de partida da Filosofia Marxista não é o homem, mas o reconhecimento da unidade material do mundo. Esta filosofia se coloca contra todas as concepções idealistas que reivindicavam a substância como princípio de todas as formas de fenômenos no mundo, ligadas a uma vontade divina. A perspectiva marxista está voltada ao que é temporal, relativo e aproximativo. Ela prioriza as concepções materiais de categoria, a fim de se distanciar das definições ingênuas, como pretendiam os idealistas.

As categorias filosóficas da matéria têm relação com a propriedade reflexiva, elas existem independentes da vontade do homem. O materialismo histórico procura definir, nesse processo de investigação, o lugar da teoria e da prática levando em conta a essas categorias. Para ele, a prática revela o modo pelo qual o homem transforma a natureza, enquanto a teoria mostra a condição de

conhecimento, correspondente com a produção social que forma os fins da atividade e determina os meios de execução. (TRIVIÑHOS, 1987)

Nessa perspectiva só é possível o conhecimento mediante a história cronológica da relação do homem com a natureza e com seu semelhante. O materialismo considera que os fatos humanos e a consciência destes não são dados no mundo natural, nem no mundo sobrenatural, ou na causa, como reivindicam o Positivismo, a Teologia e a Metafísica. Para o marxismo o conhecimento nasce da relação entre os homens e desses com a natureza, traduzidos na luta pela sobrevivência. Fora dessa esfera, é impossível compreender o homem, entende o materialismo. Com isso, valoriza o fator histórico como um dado capaz de revelar o homem no mundo e a sua condição de humano. Um humano que progride no conflito, numa dialética projetada na existência histórica, revelada no exercício do trabalho e nas diversas funções identificadas na sociedade. (MEKSENAS, 2002)

O materialismo histórico postula que a pesquisa deva priorizar uma análise social inserida na história. Um método que redefine a relação sujeito–objeto. A prioridade por essa prática se dá pelo fato de tanto o pesquisador como o objeto se influenciarem no processo da pesquisa. O pesquisador é influenciado por aquilo que estuda, ou seja, a realidade, e modificado em razão dessa realidade estudada.

Nos três métodos apresentados existe algo em comum ligado ao conhecimento enquanto produção científica: o sujeito que conhece por descobrimento. Criar é entendido como descobrir para ordenar (positividade), intencionar (fenomenologia) e refletir (materialidade). São três correntes fundadas numa base positiva que descaracteriza a imprudência epistemológica. Apesar da Fenomenologia e do Marxismo pensarem o homem numa dimensão mais alargada, em relação ao Positivismo, mas a sua base continua sendo o positivo do objeto, o que valoriza a concepção do fenômeno que instrui a razão. Tanto o Positivismo, como a Fenomenologia e o Marxismo, procuram ao seu modo dar conta da realidade que, de alguma forma, se apresenta ao sujeito.

O processo epistemológico que envolve essas três vias do conhecimento pode ser entendido como aquele que privilegia a acumulação de fatos, cuja valorização do presente é sempre menor do que o tempo anterior da ciência. Por outro lado prestigia a prática que busca a eliminação do erro, e que envolve o sujeito na certeza de ser possível, por meio de um método e uma teoria, eliminar o erro. (MARTINS, 2006)

Sendo assim, a Filosofia Positivista serve de base, pela sua positividade, para o surgimento da Fenomenologia e do Marxismo. Estes inserem outras categorias epistemológicas como a

intenção e a dialética, compreendidas como diferentes modos de investigação do objeto. Ou seja, objeto dado na natureza, na consciência e na história.

Consegue-se pontuar, desse modo, três teorias que influenciam, cada uma a seu modo, a produção do conhecimento, particularmente em educação. O Positivismo no factual, a Fenomenologia na hermenêutica e o Marxismo na relação social, ambos priorizam o real que educa a razão.

Bachelard em sua obra “A Formação do Novo Espírito Científico”, divide em três períodos o desenvolvimento da ciência e atenta para o terceiro período como o do novo espírito científico: o estado pré-científico, os estados científicos, quanto ao terceiro período entende que o mesmo aparece no ano de 1905 com Albert Einstein, o estado do novo espírito científico, dando início a uma nova era cognoscente.

Este período leva a razão ao aumento de suas objeções - dissociar e religar noções fundamentais. Nesse instante as especulações se aprofundam, idéias surgem que revolucionam toda ciência. Torna-se uma época em que a razão se coloca em uma nova via, e que leva a ciência a se preocupar com questões racionais, deixando de lado a preocupação com a ordem histórica, ou com a história da ação, para se preocupar com a história dos conceitos. Neste instante o foco do pensamento se volta para a abstração, ele ultrapassa a imagem, as formas geométricas e, conseqüentemente, chega às formas abstratas. Prática que Bachelard compreende ser o caminho normal da via psicológica do pensamento científico.

[...] é preciso passar primeiro da imagem para a forma geométrica e, depois, da forma geométrica para a forma abstrata, ou seja, seguir a via psicológica normal do pensamento científico. (1996:11)

Dessa forma, partindo da epistemologia bachelardiana, torna-se possível polemizar com a perspectiva do espírito positivo. Esse procedimento visa poder confrontar o pensamento tradicional com a nova forma de pensar do sujeito, que considera a imaginação como faculdade primordial no processo da produção do conhecimento, o que possibilita o aparecimento de uma nova condição de pesquisa que valoriza não mais o fato, nem a essência, nem a reflexão, mas as objeções em relação ao conhecimento anterior, procedimento entendido como capaz de superar conhecimentos anteriores.

Essa condição é resgatada em virtude da Ciência Positiva, no intuito de chegar à verdade epistemológica, ter descaracterizado funções importantes do homem e, com isso, diminuir o valor dos modos anteriores do processo cognoscente. Nesses modos estão incluídos a imaginação e o

racionalismo puro dos modernos, pelo fato dos mesmos trabalharem com questões, que a ciência da observação, entendia como não possíveis de serem provadas positivamente.

Na nova concepção do novo espírito científico a natureza não pode ser compreendida como deseja a ciência positiva, ou seja, pela observação, e sim, pela competência de um sujeito científico que se coloca contra essa natureza. Neste caso, a natureza se torna apenas um pretexto, uma condição para o trabalho do homem de ciência. Esta atividade epistemológica entende que o conhecimento se dá no instante em que se ultrapassa o que é oferecido, seja natural ou teórico.

A nova metodologia científica, valorizada por Bachelard, reconhece que, ultrapassando o visível, existem vínculos essenciais mais profundos. O que requer do pesquisador, como necessidade, um trabalho aprofundado, um trabalho que transponha o espaço dado. Uma atividade que não se limite à representação, mas que ultrapasse a instância da forma. Bachelard, falando desse espaço visível, ele o qualifica de um pobre exemplo (BACHELARD, 2001).

No momento do novo espírito científico a ciência deixa a sua característica de prever, explicar, relacionar para se inserir no processo de construção, que prioriza mais as metáforas do que a realidade natural. Ela cria, com essa mudança de perspectiva, um espaço de configurações, uma posição que desprestigia o dado sensível como realidade.

O procedimento do novo espírito científico supera a prática do positivo, ele prioriza a polêmica. Para ele, todo o conhecimento surge primeiramente com uma pergunta. A epistemologia bachelardiana vê na formulação da pergunta o fundamento básico da investigação da ciência, ele considera essa prática o ponto de partida que movimenta a ciência em direção ao progresso, um progresso que se dá pela negação ao que se apresenta (BACHELARD, 1991). Tanto a gratuidade como a evidência do objeto dado precisam ser colocadas diante da ação polêmica do pesquisador. Para Bachelard a primeira observação surge sempre como a primeira experiência que se torna um obstáculo.

A primeira experiência ou, para ser mais exato, a observação primeira é sempre um obstáculo inicial para a cultura científica. (BACHELARD, 2001:25)

Enquanto o realismo evidente está preocupado com a extensão do conceito, ou seja, a quantidade de coisas que esse alcança ou a variação do fenômeno particular, o novo racionalismo busca enriquecer-se na compreensão do próprio conceito, aplicando a esse, racionalizações, a fim de proceder com a atividade experimental.

Desse modo, Bachelard inicia uma nova pedagogia de caráter não-positivista. Contraria uma tradição fortemente fundada no realismo positivo predominante na França em sua época. Uma tradição que procurava negar os juízos metafísicos, e que se entendia como o único caminho para a aquisição do conhecimento verdadeiro, um conhecimento baseado em proposições verificáveis e objetivas.

A epistemologia bachelardiana mostra que não há nem sujeito nem objeto previamente constituído, mas ambos se realizam no processo da participação cognoscente. Este procedimento resulta do diálogo entre razão e experiência.

Com isso, Bachelard se esforça por demonstrar que os conhecimentos novos contradizem os anteriores e que o espírito científico se desenvolve de erros retificados. Tal postura leva a compreensão de que não existem verdades primeiras, mas que toda verdade nasce de erros corrigidos, uma via que prova a mobilidade do pensamento científico.

Essa via epistemológica se efetiva no momento em que se compreende uma distinção entre objeto percebido e objeto pensado. Tal distinção coopera para o entendimento de que os dois estão em instâncias diferentes. O primeiro se apresenta na natureza, o segundo é elaborado na mente. Um modo de pensar que se põe aberto a um futuro de aperfeiçoamento, o que não acontece com o fenômeno externo (BACHELARD, 1996).

A partir do novo espírito científico, Bachelard compreendeu que a ciência se desenvolve em dois modos possíveis de se chegar ao conhecimento construído: a do devaneio poético, que procura meditar acentuadamente no valor das palavras e, a via supostamente considerada mais sábia, a da epistemologia, que busca a crítica. Tanto uma como a outra, segundo entende, leva o homem de ciência a se instalar no espírito dialético (teoria e técnica) (BACHELARD, 1996).

Considerando essas questões, cabe colocar, neste instante, a questão da imaginação como uma faculdade que participa diretamente do processo da produção do conhecimento.

A atividade imaginativa, diante da racionalidade, sempre foi uma atividade desprestigiada no campo do conhecimento. Alguns conceitos pejorativos a essa faculdade foram atribuídos, como: “pré-lógico, primitivo e pensamento mítico, que aos poucos vão sendo modificados para arquétipos, a outra lógica, participação, etc.” (DURAND, 2001). Numa postura mais perversa, ela é ainda considerada como uma atividade situada no infantilismo, grosseira e incultural, completamente fora de uma situação civilizada. Essas considerações, apesar de não serem favoráveis, mostram que o homem é dotado de uma atividade que ultrapassa o conceitualismo filosófico, transcende o conhecido, o limitado e o definido.

Vico se esforça em demonstrar que os poetas teólogos, com a sabedoria natural, a teologia – entenda-se metafísica – imaginaram seus deuses. Com essa mesma capacidade esses poetas puderam inventar a língua. Com a imaginação poética, também, trouxeram à existência a conduta moral, o que tornou possível o aparecimento dos heróis. Por outro lado, imaginando uma forma de agregar valores e proteger a família, eles inventam a economia. Já com a divisão cronológica, imaginaram o tempo; com a geografia puderam imaginar e descrever o mundo grego, e com a invenção da política o sujeito cria a cidade.

Essa conduta mostra como os homens, pela física, estabeleceram o princípio de tudo que é divino, imaginando um universo próprio, cujos deuses são seus habitantes. Eles, também, imaginaram, em certo sentido, suas condições naturais humanas, gerando a si mesmos. Vico considera que a sabedoria dada pela imaginação poética, deu-se por uma metafísica para além da razão e da abstração. Entende que os homens desprovidos de qualquer raciocínio, mas possuidores de sentidos robustos e vigorosos de fantasias, eles se apossaram do mundo pela sensação e imaginação. Um trabalho que se manifesta na atividade do poeta, que é a de criar fábulas. A incumbência dessas fábulas criadas está em perturbar o presente visando outro fim. Um fim que busque ensinar o vulgo ao agir virtuoso.

[...] os três trabalhos que deve fazer a grande poesia, isto é, inventar fábulas sublimes, adequadas ao entendimento popular, e que o perturbe excessivamente para atingir o fim a que ela se propôs, de ensinar o vulgo, a virtuosamente agir, como eles o ensinaram a si mesmos [...] (VICO, 1999).

Vico tece críticas aos sábios racionais levando em consideração a sabedoria dos primeiros homens considerados estúpidos, primitivos e sem conhecimento. Ele entende que tanto os filósofos como os filólogos deveriam prestar atenção nesses indivíduos teólogos poetas. Eles deveriam valorizar a sabedoria desses homens, pois puderam, dentro dos seus limites, ser considerados como os gigantes do mundo humano de sua época. Como Vico fala:

Desses primeiros homens, estúpidos, insensatos e horríveis; brutos, todos os filósofos e filólogos deveriam começar a meditar a sabedoria dos antigos gentios, ou seja, dos gigantes [...] (VICO, 1999:153).

Vico exalta a forma como esses homens gigantes se utilizam de sua capacidade imaginativa a fim de dar sentido à sua existência e às coisas por eles pensadas. Esse comportamento coloca o homem de ciência diante de uma situação que o obriga a refletir sobre a necessidade de entender que a ciência deve começar pela metafísica, uma metafísica cuja origem se dá na imaginação. Uma dimensão que supera o aparente, a superfície, e busca suas provas, não numa relação exterior, e sim, nas modificações da própria mente humana. Mente essa cujas estruturas se formam ao acaso imaginativo.

Cabe ao próprio homem, com o uso da razão, estabelecer a ordem e criar sua história. É nessa atividade que se pode considerar o valor do trabalho do poeta. Um exercício que leva a comprovar o valedouro da capacidade imaginativa. Falando a esse respeito Vico diz:

Mas os poetas teólogos, não podendo fazer uso do entendimento, com um mais sublime trabalho, completamente oposto, deram sentidos e paixões, como há pouco se viu, aos corpos e aos vastíssimos corpos mortais como o céu, a terra, o mar; e, mais tarde, diminuindo tão vastas fantasias e revigorando as abstrações, foram tomadas em seus pequenos sinais (VICO, 1999:168).

A etimologia deseja que a imaginação atue sempre como faculdade de formar imagens da realidade objetiva. Uma faculdade que priorize a geometria, ou seja, o espaço. Mas o que Bachelard projeta nessa dimensão imaginária tem outra função, que não é de formar imagem. Essa imaginação é antes, a capacidade de alterar imagens, de desfigurar imagens. As imagens prontas, formadas, que se apresentam no limite, são imagens que precisam ser desfiguradas pela imaginação. A faculdade imaginativa liberta o homem das imagens concretas, formais, que se oferecem como término do conhecimento. Ela conduz o homem na mudança e união de novas imagens formadas para além da realidade dada, como fala Bachelard, dizendo:

Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. (2001:1)

A faculdade imaginativa leva, através da imagem presente, a pensar numa imagem ausente. Conduz o sujeito a uma prodigalidade de imagens sem sentido, sem significado, como identifica Bachelard: “aberrantes” (BACHELARD, 2001). O homem que faz uso desta prerrogativa vive a nuance da vida, ele se instala no próprio movimento vital, ele não observa um estado de existência, mas está na própria existência. É uma mobilidade espiritual que alarga a vida. Bachelard, falando sobre essa questão, diz:

A imaginação para a psicologia completa é, antes de tudo, um tipo de mobilidade espiritual, o tipo da mobilidade espiritual maior, mais vida, mais vivaz. (BACHELARD, 2001:2)

A imaginação, como uma condição humana, leva o sujeito a se instalar no campo da psique que trabalha com a fenomenologia das imagens. O seu trabalho prima pela superação que conduz para além de uma superfície pobre da realidade conhecida. Sua atividade dá origem às imagens que ultrapassam a própria realidade dada. Uma atividade que se efetiva sempre em ir além de tudo que se sabe e do que se viu.

Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova. (BACHELARD, 2001:3)

As imagens que são criadas pela imaginação estão sempre para além das imagens capitadas pelos sentidos, assimiladas no plano do real objetivo. Elas são sempre um pouco mais do que aquelas que estão no plano do pensamento. No reino da imaginação a imanência se junta à transcendência – pensamento e imaginação. O pensamento sempre se apresenta como imanente, enquanto que a imaginação se realiza na transcendência.

No reino da imaginação, a toda imanência se junta uma transcendência. É próprio da lei da expressão poética ultrapassar o pensamento. (BACHELARD, 2001:6)

Para se poder imaginar, e imaginar bem, é preciso sempre atacar e nunca ficar a espera de uma sedução. Não se pode imaginar se não se quer deformar, alterar conceitos; por isso Bachelard aconselha:

Para imaginar verdadeiramente, é preciso sempre agir, sempre atacar. (2001:94)

Nesse caminho o homem é despertado para o contra tudo que se apresenta como dado. Ele se coloca numa via de oposição, uma oposição que se dá contra a resistência, indo contra as impressões externas, a um contra íntimo. Uma luta que se desdobra em duas vias: o contra fora e contra dentro. O contra fora se dá diante das imagens oferecidas, prontas e acabadas; o contra dentro se estabelece no embate contra as afetividades e as crenças. Bachelard entende que é nesse procedimento que se funda a psicologia do contra.

Funda-se assim numa psicologia da proposição contra que vai das impressões de um contra imediato, imóvel, frio, a um contra íntimo. (1990:1)

Tal condição traz a compreensão de que o homem é uma criatura dotada de curiosidade, e que olhar apenas o que está fora não o satisfaz. Ele quer olhar para dentro, quer ir à busca do oculto. A sua vontade é se instalar no interior. Disposição essa que geralmente é cerceada pela visão de superfície. Essa pretensão de curiosidade do oculto caracteriza o indivíduo como sujeito ativo que não se conforma com a passividade.

Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas, sim, de uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora. (BACHELARD, 1990:7)

As forças psíquicas que impulsionam ou estimulam esse sujeito, o levam a distanciar-se, ou desprezar o que é superficial – a obviedade – para buscar outra coisa. Torna-se um modo diferente de ver, é um ver além, por dentro, escapando da geometria, da positividade do olhar, do olhar sensível, como entende Bachelard:

[...] as forças psíquicas em ação pretendem deixar os aspectos exteriores para ver outra coisa, ver além, ver por dentro, em suma, escapar à possibilidade da visão. (1990:8)

O homem, nessa nova condição de trabalho, de inventor e criador, torna-se um sonhador que supera as proibições fundadas na crença e na lógica formal ou filosófica. Ele se desloca da superfície para o âmago das coisas, dos conceitos, conseguindo, dessa forma, chegar a um mundo seu, diferente do aparente. Um universo muito mais rico de elementos do que aquele que deseja instruir o homem.

Essa descoberta valoriza um psiquismo que não se satisfaz com as novidades reveladas na matéria, mas, pelo contrário, interessa-se por um materialismo que a todo instante oferece ocasião de imagens novas e profundas, uma condição concreta que se constrói no exercício do trabalho imaginativo. A este respeito Bachelard esclarece, dizendo:

A imaginação não é mais curiosa pelas novidades do real, pelas revelações da matéria. Ela gosta desse materialismo aberto que em todo momento se oferece como ocasião de imagens novas e profundas. (1990:34)

O materialismo aberto, que valoriza a imaginação ou que a imaginação busca, orienta o homem a interrogar e a responder. Um materialismo que leva mais a enxergar e a ouvir pelo psiquismo do que pela percepção. Uma atividade que desloca o sujeito do natural para uma pluralidade de imagens artificiais criadas no trabalho.

Nessa condição, entende-se que, na medida em que o indivíduo exerce sua liberdade, a resistência do mundo não o leva ao engano sobre ele mesmo, mas o conduz a conhecer a si mesmo em sua potencialidade. Referindo a essa questão, Bachelard diz:

O trabalho põe o trabalhador no centro de um universo e não mais no centro de uma sociedade. (2001:25)

Aquele que trabalha com a química a visão de mundo desse trabalhador não é a mesma daquele que trabalha com a física. São dois mundos diferentes pela própria evidência da matéria trabalhada. Com isso, pode-se entender que a matéria trabalhada oferece ao trabalhador a possibilidade de inventar mundos e técnicas diferentes. Um trabalho que, de forma tão sutil, prende-se as qualidades materiais. Falando sobre essa imagem material, Bachelard comenta que ela é uma forma de superar o que é imediato e superficial.

A imagem material é uma superação do ser imediato, um aprofundamento do ser superficial. (BACHELARD, 2001:26)

Nessa nova dimensão cognoscente o homem passa a entender que não é possível viver preso numa literatura pensada. Uma literatura restringida pela dimensão do pensamento, o que prejudica o fluir de novas imagens. Uma literatura cuja preocupação está apenas presa no ato de interpretar o caráter humano, desprezando a vida das imagens. Toda imagem pensada está limitada pelo pensamento, ela não admite a pluralidade. Torna-se necessário se privilegiar a imaginação como um centro de abertura, abertura no habitual, uma inventividade que tem sua lei. A imaginação está para além da imagem geometrizada, ela rompe com a representação gráfica que prioriza a medida, que é

a representação fotográfica, limitada pela forma. Torna-se uma perspectiva diferente que busca a subjetividade da imagem, ou seja, a combinação elementar que sustenta a estampa.

O trabalho fenomenológico da imaginação não é descritivo. Ele elimina a ação do descritor como a do explicador. Essa nova prática epistemológica se apropria de uma condição que se funda na experiência das forças imaginativas. Um procedimento que, pela sua natureza, ultrapassa o aparente; ele se aproxima do invisível.

Essa nova prática epistemológica, como uma nova condição humana, baseada na ação imaginativa, mostra prioridade com a criação em vez de valorizar a reprodução. Ela se torna uma realização que se coloca fora da ação cognitiva fundada na repetição monótona de dogmas guardados na memória, sejam eles científicos ou não. O método imaginativo como uma nova possibilidade do homem na ciência, leva esse a se instalar no reino da novidade. Ele estabelece uma nova via com a negação de saberes anteriores mediante as objeções. Este procedimento é arauto de uma nova condição do homem fazer ciência, cuja prioridade está na imprudência. Uma prática que não prioriza a estabilidade, mas a instabilidade. Um caminho que prima pela ruptura e rejeição, pela objeção ao anterior e pela retificação do que é como falam Bulcão e Barbosa, comentando Bachelard:

O verdadeiro método é a imprudência que nos leva a rejeição e retificação do saber do passado e à criação progressiva de novas teorias. (2004:56)

Bachelard, em sua epistemologia, prioriza o homem na sua totalidade, o homem noturno e o homem diurno. Ou seja, o homem enquanto imaginação e o homem enquanto cientista. Atentando para essa questão torna-se importante reconhecer a existência de uma nova prática epistemológica que valoriza a presença da imaginação. Tal procedimento incentiva a compreensão de que a razão e a imaginação não se contrapõem, mas se completam no processo do conhecimento. Segundo Bulcão e Barbosa (2004), o homem passa, nessa dimensão, a ser compreendido como um sujeito dotado de quatro dimensões cognoscentes: Imaginativa, simbólica, racional e técnica.

A imaginação numa perspectiva epistemológica, não só obriga a razão a retificar sua forma de raciocinar, mas também reformula o sujeito do conhecimento. Nessa via, é a imaginação que determina a razão, afastando-a do estável e do permanente. A imaginação conduz a razão para o terreno movediço mental; terreno em que se vê na obrigação de se retificar constantemente o seu modo de raciocínio. Ela passa do estado de uma razão estática para uma razão que evolui.

Nessa prática epistemológica, o sujeito do conhecimento se elabora, ele deixa a prática tradicional do ser que é educado para se educar no exercício do seu próprio trabalho – formar se reformando pela retificação do seu modo de raciocinar.

A faculdade imaginativa se torna um instrumento que tonifica a razão, obrigando-a a sair da inércia ou da passividade e se ajustar à dinamicidade de uma psicologia ampla do devaneio. O esforço da razão não se resume mais a entender o motivo do que é dado e explicar segundo as suas determinações, mas, antes, em acompanhar a dinamicidade imagética de uma faculdade que transcende o visível.

Tal atitude consolida a idéia de ruptura e de superação de conhecimentos anteriores; um procedimento que não se prende à reprodução, mas à produção; uma geração produzida segundo uma ordem estabelecida por uma estrutura mental não definitiva, mas que a todo instante se modifica. Tal posição leva o sujeito a se dar conta da existência de hábitos racionais que precisam se superados. Hábitos esses estabelecidos na afirmação de conhecimentos imediatos e utilitários,

que se precisa superar e se desfazer deles em busca da retomada da prática da invenção. Bachelard, falando no seu livro “O novo espírito científico”, diz:

[...] o físico contemporâneo se dá conta que os hábitos racionais nascidos no conhecimento imediato e na ação utilitária, são outras tantas anciloses de que é preciso triunfar para reencontrar o movimento espiritual da descoberta. (2000:39)

O racionalismo moderno se fecha em uma razão humana absoluta, o realismo se prende a uma razão natural absoluta, ou a um processo aleatório das relações sociais. Tal prática não faz jus ao comportamento das ciências físicas do novo espírito científico; esta priorizar o artificial, o que é elaborado por uma construção rigorosa do sujeito científico.

A prática da pesquisa atual procura obedecer a padrões que correspondem à nova possibilidade de se fazer ciência. Uma possibilidade que se concretiza fora de categorias estabelecidas pela tradição. Com isso, novos conceitos surgem para enriquecer a linguagem da ciência e a sua prática, como: o conceito de ruptura ou corte epistemológico, a idéia de obstáculo e a concepção de descontinuidade, a idéia de retificação e o resgate da imaginação como fundadora de uma base ampliada para o progresso da própria ciência.

O ato de seguir a imaginação fala de uma prática inovadora na pesquisa científica. Isto, pelo fato dessa atividade perscrutar o ser aparente que ofusca o oculto. Essa natureza imaginativa transporta o pesquisador para além do visível, do positivo, ela se lança no oculto, por isso a decisão de Bachelard em acompanhar a imaginação até a intimidade. Bachelard procura ver na imaginação uma condição que nenhuma outra faculdade humana possui – a de superar o que se apresenta de imediato e resistente em sua verdade concreta.

Existe em todo conhecimento sempre um ponto além que é preciso ser investigado, mas para se chegar a essa instância, segundo a perspectiva da ciência atual, torna-se necessário o uso da imaginação. Nessa questão, Bachelard vai invocar a função da imaginação material e dinâmica, como coloca no seu livro “A poética do devaneio”:

A imaginação material e dinâmica nos faz viver uma adversidade provocada, uma psicologia do contra que não se contenta com a pancada, com o choque, mas que se promete à dominação sobre a própria intimidade da matéria. (2001:18)

A imaginação entendida por essa via, tanto material como dinâmica, leva o pesquisador a uma contrariedade que se estabelece no próprio psiquismo. Essa via psicológica coloca o espírito sempre contra o que é: prática essa que busca a dominação da intimidade, ela ultrapassa o que é aparente para se instalar na vida íntima do mundo, o universo que não é mais o dado e sim imaginado.

Partindo dessa compreensão de que todo conhecimento se estabelece contra um conhecimento anterior, é possível entender a natureza da imaginação e a importância do método que a integra ao processo de produção científica. Isto, pelo fato desta ter ao seu favor a condição de penetração; uma perspicácia de superar e vencer a resistência do conhecimento anterior ou do dado. Este método tem sua atividade diferenciada que se revela na eficácia de poder vencer noções científicas estabelecidas como definitivas; noções que põem em sossego ou em estado de repouso a própria razão, que passam a ser consideradas como obstáculos epistemológicos. A imaginação não reflete, não pensa, não memoriza, mas fecunda a novidade, enquanto a razão amadurece e aperfeiçoa o novo por meio de configurações que envolvem pontos, linhas e superfícies. Torna-se, desse modo, uma faculdade capaz de colocar o sujeito do conhecimento à frente das falências

dogmáticas epistemológicas. Ou seja, não é preciso esperar que o conhecimento paradigmático predominante venha entrar em crise para que se possa pensar no novo, mas ao contrário, a crise do paradigma não é mais a crise do velho, mas a do novo contra o velho. Nessa via o pesquisador prima por um racionalismo ativo. Torna-se necessário que o seu saber se desprenda dos hábitos de pesquisas fundados na perspectiva das filosofias absolutas e factuais, situação essa que Bachelard aponta quando fala sobre a imaginação poética:

Um filósofo que formou todo o seu pensamento atendo-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer o seu saber, romper com os hábitos de pesquisas filosóficas, se quiser estudar os problemas propostos pela imaginação poética. (2003:1)

Nesse curso pode-se entender a diligência da faculdade imaginativa. Se o tempo da ciência é um tempo descontínuo, logo o instrumento que estabelece essa descontinuidade só pode ser a própria faculdade imaginativa. Isto, pelo fato de ser o seu caráter dinâmico, uma dinamicidade que possibilita o aparecimento dos instantes das imagens que saltam e se instalam no fundo do ser que imagina, retendo e fixando o ser, como coloca Bachelard:

De repente uma imagem se instala no centro do nosso ser imaginante. Ela nos retém, nos fixa. Infunde-nos o ser. (2001:141)

A faculdade imaginativa se efetiva numa representação que acidenta o tempo e rompe com a continuidade da evolução natural. O tempo pensado passa a ter prioridade sobre o tempo vivido; isto, pelo fato do tempo vivido ser substancial; um tempo orientado pela substância; um tempo empiricamente determinante, o que não acontece com o tempo pensado.

O tempo pensado é um tempo descontínuo, não determinante, mas determinado pelo cognoscente (BACHELARD, 2001).

Ao considerar a faculdade imaginativa como aliada à ciência, ou, porque não falar, parte integrante do processo epistemológico, é possível aceitar, não por afetividade, mas por méritos, a função dinâmica dessa faculdade como fomentadora da própria ciência. Tal questão fica claro quando Bachelard fala da função do filósofo diante da natureza:

Então o homem não é mais um simples filósofo diante do universo, é uma força infatigável contra o universo, contra a substância das coisas. (2001:24)

O que parece, nessa colocação de Bachelard, é que a faculdade imaginativa não se limita a existir presa a nenhum sistema, ou seja, ela não se acomoda em nenhuma estrutura, seja ela nas ciências físicas ou humanas.

Seu papel é superar tanto o conhecimento das ciências físicas, como o das ciências humanas, ou seja, a imaginação se apresenta em qualquer regionalidade científica. Essa condição imaginativa leva à compreensão de que o ser humano não é esse sujeito que se instrui pelo ser de outros, mas que se coloca contra o ser das coisas, faz objeções ao existente. Como demonstra Bachelard:

Então o ser humano se revela como o contra-ser das coisas. Já não se trata de tomar o partido das coisas, e sim de atacar as coisas. (2001:95)

O ato de se colocar contra o ser das coisas fere frontalmente o princípio da lógica formal. Essa lógica não concebe o ser das coisas sendo outra coisa. Apenas o ser é, e não pode ser outra coisa, a não ser o ser que é em si mesmo. Isto mostra o princípio de identidade que norteia toda prática epistemológica da tradição. Mas, numa perspectiva inovadora, todo ser está sujeito a se tornar outra coisa. Isto, pelo fato da lógica do novo espírito científico não ser linear, mas polêmica. Uma dialética que se estabelece contra o que é para criar o que ainda não é. Uma dialética que busca elementos substanciais que sustentam o aparente, e que são contrários entre si, mas que se assimilam e se casam.

Pela via do novo espírito científico dá-se origem a uma lógica da profundidade, uma atividade que busca o seu conhecimento fora dos limites da lógica formal.

Numa perspectiva diferente da tradição epistemológica, o novo método coloca o homem numa atividade sempre atual. Ela leva o indivíduo a realizar-se sempre no presente. Um modo de ser que conduz o sujeito à liberdade, fora de qualquer realidade instruidora. Esse desempenho se dá pelo fato da imaginação não trabalhar com pretérito, ela não tem uma história que possa defini-la, nem uma identidade pela qual possa ser conhecida. A vida que leva se efetiva no seu movimento sem sucessão. Ela é sempre atualidade, o que a leva a ser reconhecida apenas em si mesma, na sua própria dinâmica, na sua atividade sempre inovadora, uma qualidade valorizada no próprio ser do homem.

É pela negação do positivo que se pode perceber que a imaginação é uma faculdade apaixonada pela novidade. Uma condição humana que só pode ser conhecida e identificada no seu próprio espaço de ação. Um espaço que não é compreendido pela medida, mas pela vivência que se efetiva sempre no contra. O espaço compreendido pela imaginação não é o assimilado, dado como pronto, acabado e definido por uma lógica matemática. Pelo contrário, ele é criado na agitação da própria vivência imaginativa, no momento da insurgência contra o que está estabelecido.

O pesquisador, nessa via da produção científica, coloca-se contra os velhos saberes que governam as estruturas da própria sociedade; dogmas que são validados por uma prática positiva e por conceitos definidores. Nesse sentido, o sensível cede espaço para o não sensível. A prática do novo espírito científico mostra que, para fazer ciência, ainda que em parte dependamos do sensível, não temos mais o dever ou a obrigação de pensar nele, e sim para além dele, no que não é sensível. É um pensar que se estabelece a partir do negativo, no que ainda não é para se chegar a uma positividade, ou seja, ao conhecimento construído, como fala Bachelard:

A observação científica é sempre uma observação polêmica (...) ela transcende o imediato; ela reconstrói o real após ter reconstruído seus esquemas. (2000:19)

Com a proposição contra se funda uma dialética que vai desde o exterior ao interior. Ou seja, do imediato ao íntimo. Uma função que se firma pela imaginação. Esse caminho que se efetiva por essa via, revela que não é a razão que vence a resistência, mas a imaginação material e dinâmica. A partir dessa identificação é que se pode compreender o que Bachelard fala na citação acima, quando diz que nesse instante se funda uma psicologia da proposição contra. Segundo Bachelard:

As forças imaginantes da nossa mente desenvolvem-se em duas linhas bastante diferentes. Uma encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. As outras forças imaginantes

escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. (BACHELARD, 1998:1)

Nessa citação surge uma concepção interessante sobre o trabalho da imaginação. Uma compreensão de que é no divertimento que a imaginação aprisiona as coisas para deformá-las; passa-se então ao prazer da profundidade. Seria como se o homem fitasse o mar e, se divertindo com a superficialidade ondulada, resolvesse mergulhar nas suas profundezas a fim de descobrir seus mistérios e revelar a face oculta, visando atender sua curiosidade.

CONCLUSÃO

O que se pode finalizar, na conclusão deste trabalho, é que o tema sobre a imaginação continua a exigir maiores investigações sobre sua importância na área epistemológica, particularmente quanto à sua utilização na pesquisa educacional, pela complexidade desta faculdade no processo da produção do conhecimento. Essas considerações se dão pelo fato de se reconhecer a presença de uma faculdade que transcende à realidade dada.

Cabe uma melhor compreensão dessa prática de fazer ciência no intuito de conhecer os pressupostos epistemológicos que fazem dessa imaginação um instrumento importante de pesquisa na via bachelardiana. Um procedimento diferenciado da tradição realista e racionalista da ciência. Um caminho para o qual, pelo que se pode perceber até o momento, o importante não é o dizer como a natureza das coisas são, mas como o espírito do homem se faz.

Este reconhecimento surge, na realidade, quando se estabelece uma crítica contra as vias epistemológicas que norteiam e predominam na pesquisa científica, principalmente no campo educacional, baseadas na positividade do real. Foi levando em consideração essas práticas epistemológicas, que se tornou possível à constatação da existência de uma prática epistemológica que coloca o sujeito em outra dimensão. Uma instância que se pode considerar mais aberta e promissora do que as que até aqui são conhecidas, cuja relação sujeito-objeto torna-se diferente das demais vias epistemológicas. Ou seja, enquanto no Positivismo o objeto interfere no sujeito, na Fenomenologia o sujeito interfere no objeto e na Dialética Materialista sujeito e objeto se interferem, no novo espírito científico o sujeito cria o objeto pela hipótese contrária ao conhecimento anterior. Nessa via, a relação sujeito-objeto é uma relação de novidade, não existem interferências e sim rupturas e construção de uma realidade nova. Um objeto que tem a marca do seu autor. Ao se concluir esse trabalho, tem-se a impressão de que o intento foi alcançado, não o de esgotar o assunto, mas de trazer para o debate epistemológico o significado e a validade da atividade imaginativa no processo da produção cognoscente.

O momento do novo espírito científico, ao privilegiar a imaginação e colocá-la na escala de valor como função principal da atividade científica, inova, dessa forma, o modo como se passa a produzir ciência hoje. Nesse processo, o sujeito é retomado na sua significância e responsabilidade. Nessa nova via epistemológica deixa-se de valorizar a neutralidade, a explicação e a descrição, para valorizar a polêmica. Uma polêmica que se dá na provocação do sujeito contra a materialidade mundana seja teórica ou teorética. O que possibilita, de certa forma, a invenção de uma pedagogia da provocação ou das objeções. Uma pedagogia que ao ser aplicada, estabelece um processo em que professor e aluno se completam, eles se constroem construindo o conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

____ *A terra e os devaneios do repouso*. Ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução de Paulo Neves Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

____ *A filosofia do não*. Filosofia do novo espírito científico. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1991

____ *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio Janeiro: Contraponto, 2004.

____ *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

____ *O ar e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

____ *A formação do espírito científico*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio Janeiro: Contraponto, 1996.

____ *O novo espírito científico*. Tradução de Juvenal Hahne Junior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DURAND, Gilbert. *O imaginário*. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução de René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

MARTINS, Joel e outros. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. S. Paulo: Centauro, 2006

MEKSENAS, Paulo. *Pesquisa social e ação pedagógica, conceitos, métodos e práticas*.

São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS FILHO, José Camilo e GAMBOA, Silvio Sanchez (org.). *Pesquisa educacional*

quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. A

pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VICO, Giambattista. *A ciência nova*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Record, 1999.